

# Professores como cerrado: a cada chuva o esplendor da primavera

Teachers like savanna: every rain the splendor of spring

Andréa Inês Goldschmidt<sup>1</sup>

## Resumo

O campo de estágios é um local importante quando pensamos em formação de professores, sendo necessário serem estimuladas reflexões que impliquem na identidade docente e sua práxis. Uma das vias para a configuração dessas reflexões é a utilização de metáforas. Diante deste cenário, foi proposto aos estagiários do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas realizarem a leitura do texto de Maria Socorro Lucena Lima, intitulado "O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore". Após, construíram a árvore do Estágio Curricular Supervisionado I, como objeto de estudo e reflexão; porém, levando-se em consideração o bioma cerrado. Foram elencadas seis espécies florestais, a serem construídas e apresentada as associações realizadas entre o texto lido, as reflexões realizadas e as características biológicas das espécies. Os alunos trouxeram construções importantes, como a singularidade de cada espécie e a experiência individual de cada um, revelando que "ser professor" se constitui historicamente. Foi apontado pelos participantes as adversidades do solo do cerrado e da profissão, refletindo sobre as dificuldades e desvalorização docente e a importância deste profissional na sociedade. Podemos conceber os alunos como futuros profissionais conscientes de sua prática, como um profissional reflexivo.

**Palavras-chave:** docência, formação inicial, estágios.

## Abstract

Field of stages is an important site when we think of teacher training, if need be stimulated reflections involving the teaching identity and praxis. One way to configure these reflections is to use metaphors. Against this background, it was proposed to the Degree Course in Biological Sciences trainees perform the reading of the text of Maria Socorro Lucena Lima entitled "The stage at the undergraduate and the metaphor of the tree." After they built the tree of Supervised I, as an object of study and reflection; however, taking into account the cerrado biome. Listed were six forest species, to be built and presented the associations made between the text read, the reflections and the biological characteristics of the species. Students brought important buildings such as the uniqueness of each species and individual experience of each, revealing that "being a teacher" historically constituted. It was appointed by the participants of the cerrado soil of adversity and the profession, reflecting on the difficulties and teaching devaluation and the importance of this professional in society. We can conceive of students as future professionals aware of their practice as a reflective practitioner.

**Keywords:** teaching, initial training, internships

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Federal de Goiás | andreainesgold@gmail.com

## Introdução

Porque não somos como cerrado?  
Que bom seria se quando chovesse dentro de nós, brotasse a primavera.  
(Roda Berg)

Atualmente, no âmbito das instituições formadoras, as discussões sobre formação docente têm se tornado recorrente, sendo inclusive, objeto de pesquisa.

Maziero e Carvalho (2012) destacam que o estágio supervisionado é o momento em que o acadêmico assume, de forma abrangente e eficiente, as funções de um professor por meio do contato *in loco* com a rotina escolar, com o aluno em sala de aula, articulando teoria e prática, sempre no sentido da reflexão da práxis. É o momento no qual o estagiário atravessa limitações e situações inerentes à função de estagiário, mas que com as contribuições do professor supervisor do campo de estágio desenvolve suas atividades com responsabilidade e superação.

Fiorentini e Castro (2003) ressaltam que a prática de ensino e o estágio supervisionado podem ser caracterizadas como um momento especial do processo de formação do professor em que ocorre, de maneira mais efetiva, a transição ou a passagem de aluno a professor. Essa inversão de papéis não é tranquila, pois envolve tensões e conflitos entre o que se sabe ou idealiza e aquilo que efetivamente pode ser realizado na prática.

Sem dúvida, no intuito de contribuir com a formação docente destes acadêmicos, é imprescindível que este compreenda a importância da sua profissão, reconhecendo o papel do professor, para que estas discussões e vivências, provoquem profundas reflexões e possam contribuir significativamente para a formação dos docentes e em sua atuação como professores.

Entendemos que a reflexão é uma capacidade inata do ser humano, aliás, pensar é uma atividade que acontece naturalmente. Sendo assim, podemos afirmar que o termo reflexivo tem como uma de suas raízes as ideias do filósofo, psicólogo e pedagogo norte-americano John Dewey (1859-1952), ao caracterizar o pensamento reflexivo e defender o poder da reflexão como elemento impulsionador da melhoria de práticas profissionais docentes. Dewey (1979) considera o pensamento reflexivo como a melhor maneira de pensar e o define como sendo “a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva” (p. 13).

Freire (1996), discute que o momento fundamental na formação permanente dos professores é o da reflexão crítica sobre a prática. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

Para que o professor se constitua como profissional reflexivo, Alarcão (1996) aponta dois fatores fundamentais, que estão inseridos na máxima: “Professor: conhece a tua profissão e conhece-te a ti mesmo como professor para te assumires como profissional de ensino” (p.180). Com base nessa afirmação, percebemos que a reflexão do professor implica no conhecimento de si mesmo e de sua prática, para que possa analisá-la e desenvolver-se no sentido pessoal e profissional.

Uma das vias para a configuração dessas reflexões é a utilização de metáforas. Antônio Nóvoa apud Lima (2009), em alguns de seus estudos, faz uso pedagógico de metáforas, buscando elucidar distintos saberes e facilitando a compreensão de temas relacionados à educação.

Optei pelas metáforas, pois elas são consideradas ferramentas importantes na educação, pois segundo O'connor e Seymour (1995), "Uma metáfora contada de maneira clara e simples distrai a mente consciente e ativa a procura inconsciente de significados e recursos"; ou seja, quer dizer, revelam elementos ocultos que apenas o inconsciente pode perceber e utilizar, podendo ser uma das vias para a configuração das reflexões é a utilização de metáforas.

Ciapuscio (2003) afirma que a metáfora, habitualmente considerada uma figura de linguagem com funções ornamentais, vem sendo estudada como um poderoso instrumento do pensamento, uma fonte de explicação, e também em seu possível papel heurístico na pesquisa da natureza. Esta mudança na apreciação da metáfora relaciona-se com os novos modelos e as reflexões da linguística cognitiva sobre o pensamento metafórico, que têm redefinido e revalorizado o recurso.

O mesmo autor afirma que a metáfora ainda é um mecanismo de conceitualização de extrema importância no campo da criação e da comunicação: por sua potencialidade epistemológica de abrir novos modos e caminhos de pensamento e porque lembra domínios de experiência cotidiana, é um recurso efetivo para a explicação exposição de conteúdos científicos a diferentes tipos de audiências. Evidentemente, por sua característica intrínseca de "clarear" similaridades e, ao mesmo tempo, "apagar" as diferenças mesmo com as reservas sobre seus alcances e riscos, ainda que deixe lugar a dúvidas, o "custo" vale a pena.

Freire (1992) discorre que não podemos imaginar a comunicação humana sem metáforas, pois elas permitem movermos de um campo a outro, estabelecer relações, incursionar em terrenos novos e desconhecidos.

A partir destas ideias, o presente artigo buscou promover entre os alunos, as discussões acerca do papel do professor, através do uso de metáforas, que contemplassem aspectos biológicos, relacionados a nossa área em formação. Para tanto, buscou-se estabelecer relações entre o artigo de Lima (2009) recorre à Metáfora da Árvore, e as relações desta construção com o bioma regional do cerrado.

## Trajetória Percorrida

A prática de Estágio consta na matriz curricular da UFG, oferecida no quinto período do curso diurno de Ciências Biológicas. Este estágio que corresponde ao primeiro estágio do curso tem por objetivo oportunizar vivências e discussões sobre o cotidiano escolar, trabalhar aspectos que permitam ao aluno compreender, escrever e analisar criticamente o espaço da escola e as relações que se estabelecem entre os seus sujeitos; além de elaborar e executar um projeto de intervenção na escola.

Inicialmente os dezesseis estagiários foram convidados a realizarem a leitura do texto de Maria Socorro Lucena Lima, intitulado "O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore" (LIMA, 2009). Desta forma, conduzidos pela autora, discutimos sobre o referencial teórico abordado no artigo apresentado aos alunos. Neste, a autora referencia que a fundamentação teórica seria as raízes da árvore, pois sustenta e alimenta a prática dos formadores e formandos, constituindo as bases do Estágio; o tronco simboliza a pesquisa; os galhos e as folhas são as atividades desenvolvidas e os frutos representam os registros reflexivos realizados pelos estagiários.

Diante deste cenário, foi proposto aos acadêmicos estagiários construir a partir de discussões em sala de aula, a árvore do Estágio Curricular Supervisionado I, como objeto de estudo e reflexão; porém, levando-se em consideração o bioma cerrado. Os alunos foram divididos em grupos e deveriam escolher uma espécie vegetal do bioma em questão, de modo que justificassem a escolha deste representante e explorassem as características da mesma, realizando uma pesquisa e comparando-a à profissão docente, valorizando o ecossistema regional. Isto se deu, na compreensão de que as árvores não são elementos bióticos isolados e pensando nas diferentes percepções que temos em relação às vivências que teremos no decorrer do estágio, nos propomos a repensar nesta metáfora, considerando a heterogeneidade desta composição e levando em conta o ecossistema cerrado. Essa construção pode ser observada na Figura 1.



Figura 1. Construção das árvores do estágio a partir de representantes florestais do cerrado

O Cerrado é o segundo maior e um dos mais diversos biomas do Brasil, ocupa aproximadamente 21% do território nacional e abriga cerca de 33% da diversidade biológica brasileira (AGUIAR, MACHADO e MARINHO-FILHO. 2004). No entanto, o modelo de ocupação implantado na região Centro-Oeste, com a conversão de grandes extensões de vegetação nativa em pastagens e monoculturas contribuiu para que o Cerrado se tornasse um dos biomas mais ameaçados do mundo (KLINK e MACHADO 2005). Estima-se que a área remanescente de vegetação nativa do Cerrado é de aproximadamente 46,74%, baseado em imagens de satélite de 2002 (MMA. 2007).

A vegetação do Cerrado é composta por um mosaico representado por formações savânicas (cerrado sentido restrito, parque cerrado, palmeiral e vereda), campestres (campo rupestre, campo sujo e campo limpo) e florestais (mata seca, mata de galeria, mata ciliar e cerradão) que coexistem e se misturam na paisagem do Brasil Central (RIBEIRO e WALTER, 2008).

## Resultados reflexivos

O cerrado já foi considerado uma região bastante pobre em questão de biodiversidade e de baixo valor econômico, principalmente pela sua vegetação típica, de caules tortuosos e estatura baixa. Obviamente que não é verdade! Os alunos trouxeram para sala de aula, construções importantes, que abordaram as espécies vegetais de várias maneiras, deixando explícito a beleza paisagística, o valor ambiental, econômico, cultural, medicinal e/ou alimentício.



Figura 2. Espécies florestais representadas pelos acadêmicos estagiários.

A partir das pesquisas desenvolvidas, foram elencadas pelos grupos de alunos, seis espécies florestais, para serem construídas e apresentadas em sala de aula, as associações realizadas entre o texto lido, as reflexões realizadas e as características biológicas das espécies selecionadas. Entre elas: A. Buriti (*Mauritia flexuosa*); B. Cajueiro (*Anacardium humile*); C, Jacarandá do cerrado ou caviúna (*Dalbergia miscolobium*); D, Ipê roxo (*Tabebuia*

*avellanadae*); E. Lobeira (*Solanum lycocarpum*) e; F. Cagaita (*Eugenia dysenterica*), visualizadas a construção nas Figura 2, da esquerda para direita

A primeira reflexão que fizemos, entre as árvores escolhidas e a docência foi a singularidade de cada espécie, apresentando características únicas. Assim são os meus alunos, assim é o professor! Cada um traz consigo aquilo que aprendeu em casa, na escola e a experiência obtida durante a vida, se tornando um profissional único que possui sua própria maneira de ensinar. São professores de caules tortos, mais altos ou mais baixos, de muitos frutos pequenos ou de poucos frutos grandes, mas todos com seu valor. Suas raízes estão fixas em diferentes tipos de solos, com distintos nutrientes, mas capazes de produzir excelentes frutos, a espalhar e germinar, dando origem às novas árvores de conhecimento. Entendemos assim, que o solo (base nutricional para a fundação teórica) é fundamental ao seu crescimento e deve ser enriquecido continuamente.

Gomes (2010) discute que a constituição do “ser professor” precisa ser tomada como um momento significativo, que deve estar presente durante toda a vida do docente. Deste modo, faz-se necessário pensarmos em estratégias formativas que considerem tal problemática, auxiliando na melhor compreensão das contribuições e desafios da docência, considerando que o processo de formação docente se dá ao longo de um contínuo, em que o professor é um sujeito ativo na consolidação de sua própria aprendizagem, e que o ensino é uma prática reflexiva. A autora ainda destaca que é importante pensar não só nos elementos técnicos (como dar aula, o controle da disciplina dos alunos, metodologias de ensino, recursos didáticos), mas também afetivos (psicológico para o enfrentamento das dificuldades e dos problemas), ampliando seus níveis de reflexão. Neste contexto, refletir a partir de uma construção biológica comparadas ao cerrado, pode ser uma alternativa diferenciada e que implica em reflexões profundas.

Em relação às partes estruturais constituintes das árvores construídas, os estagiários realizaram reflexões e comparações entre as espécies estudadas e a metáfora apresentada por Lima (2009), as quais são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1. Partes estruturais da árvore e reflexões comparativas acerca da profissão docente e sua formação inicial.

| <i>Raízes - Sustentação = Base na sua formação</i>   |
|--|
| “As raízes estão sempre submersas, da mesma maneira que muitos professores mergulham em terrenos adversos, mas mesmo assim suas bases estão firmes e produzirão muitos frutos”. ( <i>Grupo Buriti</i> ).   |
| “A mangabeira (coisa boa de comer, do tupi), possui raiz utilizada medicinalmente. Assim, nossas raízes devem “curar” nossas deficiências. A mangabeira pode ser a cura para os males da educação, produzindo frutos de valor inestimável, professores críticos e reflexivos”. ( <i>Grupo Mangabeira</i> )   |
| “A raiz não se dissocia do restante da árvore, assim também não há prática dissociada de teoria, pois esta é a base de todo processo”. ( <i>Grupo Lobeira</i> )  |
| “Pensando na raiz do ipê, é do tipo pivotante; ou seja, há uma raiz principal, de onde saem as raízes laterais. Entendemos que, no espaço/tempo do estágio, é primordial desenvolvermos nossa raiz de modo que seja muito profunda e bem diferenciada, atingindo dessa forma o mais profundo do solo, em que o estudo no estágio, que se baseie apenas em questões de cunho biológico ou pedagógico, mas também histórico, social, epistemológicos, filosófico, sociológico, etc. É importante que este fixe sua raiz principal em posturas crítico-reflexivas, na afetividade, na |

|  |
|--|
| <p>consciências, de seu papel enquanto educador, no (re)pensar sua própria prática em sala de aula. As raízes laterais representam os outros aspectos que estão relacionados com a fundamentação teórica. Aqueles construídos subjetivamente, pois apesar de cada estagiário, possuir uma trajetória formativa que está ligada ao seu histórico de vida, o significado do texto e a fundamentação precisam estar pautados numa interpretação consistente do mesmo. Por isso se fazem importantes as discussões em sala de aula para a compreensão e interpretação do referencial por parte dos estagiários". (Grupo Ipê roxo)</p>  |
| <p>Tronco - Pesquisa</p>   |
| <p>" O tronco é reto e sem desvios, assim como aqueles professores que sempre mantêm o foco na profissão e possuem objetivos a serem alcançados, além disso é um tronco alto e que eleva as folhas e frutos do Buriti a grandes alturas, da mesma forma, professores firmes e comprometidos vão instigar seus alunos a perseguirem objetivos cada vez mais altos". (Grupo Buriti)</p> <p>"A árvore que escolhemos foi o cajueiro, apresenta tronco retorcido. Entendemos que assim serão os caminhos a serem percorridos pelos docentes, sujeitos às falhas, tentativas e erros, o que contribui decisivamente e diretamente na identidade do professor". (Grupo Cajueiro)</p> <p>"Do caule se extrai o látex, para produção da borracha. Precisamos aprender a extrair o nosso conhecimento, da pesquisa (caule) para este ser transformado em matéria prima de melhorias". (Grupo Mangabeira)</p>  |
| <p>Copa das árvores</p>  |
| <p>"As folhas do Buriti são sua parte vegetativa, em constante mudança e que está relacionada à busca do professor em se atualizar e questionar conceitos antigos para levar novidades aos alunos". (Grupo Buriti)</p> <p>"As folhas também podem ser usadas para projetar sombra, cobrir o telhado de casas, artesanato, fazer pipa para diversão de crianças, além de sua função principal que é ajudar a manter vivo o conjunto de tronco e raiz. O professor muitas vezes projeta sua sombra sobre os alunos para protegê-los, para estreitar o relacionamento de aprendizado mútuo, para desenvolver atividades lúdicas e para que as novas ideias surgidas na parte vegetativa do profissional do ensino possa manter vivo o conjunto de tronco e raiz, que são sua base de sustentação e seus objetivos profissionais". (Grupo Buriti)</p> <p>"As folhas significam amadurecer no referencial teórico e construção do conhecimento. As flores tendem a demonstrar o desabrochar de uma nova visão tanto do estágio, quanto da licenciatura, deixando de lado a visão da autora em a compreende-la como pratica". (Grupo Jacarandá)</p> <p>"Os galhos e as folhas representam as atividades desenvolvidas durante o estágio. O ipê é uma árvore decídua, perdendo totalmente as folhas em determinadas épocas do ano e floresce. É certo que durante o desenvolvimento das atividades precisaremos trocar nossas folhas; ou seja, modificar os meios pelos quais se dão as atividades, isto inclui revisitar as posturas metodológicas, o modo de se relacionar com os outros, a concepção de escola". (Grupo Ipê)</p> <p>"Começam a nascer os frutos que são para a autora, os registros reflexivos. Mas qual a importância dos frutos serem interpretados como registros reflexivos? Primeiramente por ser um fruto, e além do mais disperso pelo vento, os registros tem um alcance incalculável, pois não podem quantificar até onde nossas vivências dentro do estágio influenciarão nossa prática docente". (Grupo Ipê )</p> |

Comparando as espécies florestais à atividade docente, os alunos também traçaram um paralelo entre as características destas espécies e as atividades exercidas pelo professor em sua trajetória profissional, bem como a sua própria identidade docente. As comparações podem ser observadas nos Quadro 2 a 4.

Ao refletirem sobre a profissão docente e escolherem uma espécie vegetal que os representasse, observamos que os alunos apontaram como características, as dificuldades e desvalorização docente; a importância deste profissional na sociedade e as influências de suas histórias de vida, revelando alunos como futuros profissionais conscientes de sua prática, como um profissional reflexivo.

Quadro 2. Manifestações dos licenciandos acerca da escolha das espécies vegetais do cerrado e relações com as dificuldades na profissão docente.

| Categoria                         | Narrativas construídas pelos acadêmicos   |
|-----------------------------------|---|
| Dificuldades na profissão docente | <p>“Escolhemos o cajueiro que está em extinção. Professores também estão!” (<i>Grupo Cajueiro</i>)</p> <p>“Escolhemos a lobeira, pois além de florescer o ano todo, até em períodos chuvosos, é uma planta pioneira em ambientes degradados. É resistente as pressões do cerrado. Demonstra a resistência ao ambiente hostil, luta diária da classe, os medos, desafios, paradigmas e obstáculos na formação docente”. (<i>Grupo Lobeira</i>)</p> |

No que se refere às dificuldades e desvalorização docente, Silva (2012) comenta sobre a ausência de uma política atual da valorização docente e condições de trabalho apresentando salários baixos e autonomia docente quase nula.

Segundo pesquisa sobre a atratividade da carreira docente publicada pela revista Nova Escola (2010), apenas 2% dos estudantes pesquisados que cursam o último ano do Ensino Médio desejam seguir sua formação na área de Pedagogia ou Licenciaturas, sendo estes em maioria pertencente às escolas públicas. Já outros 9% demonstraram interesse em seguir seus estudos em cursos de disciplinas da Educação Básica (como português, matemática e letras), o que não garante uma atuação em sala de aula. Questões como baixa remuneração, desvalorização social, más condições de trabalho, rotina desgastante e desmotivadora são alguns pontos que contaram nas opiniões dos discentes.

Percebemos com isso o desencantamento pela carreira docente. Por mais que venhamos discutir sobre a importância da profissão, não podemos ignorar a realidade que a docência tem enfrentado. Anos atrás, numa citação de 1986 feita por Freire, já se discutia a respeito:

O desgaste do professor e a resistência dos alunos fazem com que muitos professores se perguntem por que estão na educação. Não é um lugar para se tornar rico e famoso [...] Tem algumas condições favoráveis – férias longas, jornada de trabalho mais curta e o incentivo moral de trabalhar pelo desenvolvimento humano [...] Mas agora, mais do que nunca, os professores estão recebendo menos recompensas e mais dissabores. Um momento de crise na profissão que predispõe alguns professores aos sonhos libertadores (FREIRE, 1986, p.38).

As argumentações dos licenciandos revelaram a consciência e insatisfação de fatos que não se pode negar. Não tem faltado desestímulos a respeito da docência na vida dos professores formados e dos em formação: desvalorização profissional e salarial; currículos fechados como empecilho à autonomia; violência física e verbal contra o professor; falta de apoio social e político às causas da classe trabalhadora; pressão para um ensino tecnicista e focado em resultados, e não mais como meio de transmissão de valores; um ensino voltado



para interesses econômicos e não mais para os humanizadores; resistência familiar quanto à dedicação à licenciatura; medo de punições como resposta à ousadia; desvalorização de títulos e desmotivação quanto à formação continuada; formação inicial distante da realidade; frequência de greves e paralisações; crescente sensação de impotência, entre outros.

Em comparação com o cerrado, não é diferente! Tanto o bioma, quanto o professor nem sempre tem seu valor reconhecido. Baixos salários, falta de incentivo, políticas públicas inadequadas, falta de plano de carreira, estrutura precária de escolas podem igualmente ser consideradas ao desmatamento sem controle do cerrado, extinguindo espécies de valor inestimável. A extinção tem ocorrido nos dois!

Ainda que se reconheça a atividade docente como sendo gratificante, nobre e muito importante na sociedade, poucos se dispõem a trilhar este caminho e enfrentar não somente obstáculos antes do ingresso no nível superior, mas também durante esta formação e após sua conclusão. Ao mesmo tempo, muitos ainda prosseguem rumo à docência, e ainda outros que lá estão, permanecem.

Isto se mostrou presente também nas argumentações dos alunos, onde em suas reflexões, apontaram sobre o seu papel na sociedade, reconhecendo a importância deste docente contribuir para com o desenvolvimento da sociedade, como mediador de conhecimento, um eterno aprendiz. Sobre isso, Gadotti (2003, p. 3) afirma que “O professor se tornou um aprendiz permanente um construtor de sentidos, um cooperador e sobretudo um organizador de aprendizagem”. Esse mesmo autor destaca que os educadores numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas, visualizados no quadro abaixo.

Quadro 3. Manifestações dos licenciandos acerca da escolha das espécies vegetais do cerrado e relações com a importância do professor.

| Categoria  | Narrativas construídas pelos acadêmicos  |
|--|--|
| A importância do professor na vida dos alunos e na sociedade | <p>“Queremos dispersar pelo vento. Este simboliza nossa vontade enquanto professores, pois nossa tomada de decisão pode melhorar a educação. Sementes tem poder de nova geração, que podem manter as mesmas características da árvore genitora ou apresentar características novas, já que o solo, adubo nutrição podem ser outros. Nossa escolha se dá por este fim”. (<i>Grupo Jacarandá</i>)</p> <p>“Proporciona sombra para o crescimento de outras espécies, aduba o solo através da formação da serapilheira, e atrai muitos animais que ajudam na polinização e dispersão de outras espécies. É símbolo de renovação, uma vez que proporciona desenvolvimento de várias espécies diferentes, assim como professores também o são. Muitas vezes, é ela que prepara o solo e dá as condições para que o conhecimento seja instigado e desenvolvido”. (<i>Grupo Lobeira</i>)</p> <p>“O ipê roxo faz parte da minha infância e é responsável por imensa beleza, o que não é diferente quando se pensa na profissão docente, que aos olhos de muitos, apesar de muito depreciada, é uma profissão de beleza inestimável. Escolhemos o ipê roxo, porque entendemos que ao entrar em uma sala de aula todos os dias, é necessário ao professor vislumbrar a cor expressiva das flores do ipê, nos fazendo pensar que precisaremos de muita tinta (energia) para colorir as flores que vão cobrir os caminhos dos nossos alunos”. (<i>Grupo Ipê Roxo</i>)</p> <p>“O Buriti é uma palmeira típica do Cerrado que se desenvolve em terrenos úmidos ou alagados, com raízes submersas nas lagoas e leitos dos cursos d’água onde</p> |

|  |  |
|--|--|
|  | atingem vários metros de altura. Da mesma maneira muitos professores mergulham em terrenos adversos, mas mesmo assim suas bases estão firmes e fazendo parte de um ciclo natural que vai deixar muitos frutos. O tronco é reto e sem desvios, assim como aqueles professores que sempre mantêm o foco na profissão e possuem objetivos a serem alcançados, além disso é um tronco alto e que eleva as folhas e frutos do Buriti a grandes alturas, da mesma forma, professores firmes e comprometidos vão instigar seus alunos a perseguirem objetivos cada vez mais altos". ( <i>Grupo Buriti</i> ) |
|--|--|

Diante destes conflitos, da desvalorização docente e da importância da profissão, Nóvoa (1994) discorre a respeito da necessidade que temos como professores de assumir a direção de nossa carreira e profissão, num formato tanto individual como coletivo. Não podemos esperar que a transformação começasse de cima para baixo; pelo contrário, deve-se já ter uma postura dentro do ambiente escolar, o que inevitavelmente trará consigo resistências e críticas, elementos tais que nunca se ausentaram da caminhada de um professor.

A docência assume também a beleza apontada pelos alunos, pois é particular em si mesma por seu trabalho com o humano; por sua interação educador-educando, dois sujeitos que se assemelham naturalmente (TARDIF E LESSARD, 2009 *apud* GOES, 2014).

Cordeiro (2008) afirma que o trabalho docente tem como sua essência o desejo de entender e compreender; de se chegar aos discentes e compartilhar vida; de se estar com os alunos e fomentar experiências que lhes dão sentido; despertar o desejo de aprender e saber e questionar o sentido de suas próprias vidas. Assim, a educação é relação, criação de vínculos.

Diante disto, educador é aquele que sonha e faz sonhar! É o que, segundo os alunos "é símbolo de renovação, uma vez que proporciona desenvolvimento de várias espécies diferentes, assim como professores também o são".

Quadro 4. Manifestações dos licenciandos acerca da escolha das espécies vegetais do cerrado e relações com as memórias e história de vida na formação docente.

| Categoria                                  | Narrativas construídas pelos acadêmicos  |
|--|--|
| Memórias e influências nas nossas escolhas | <p>"Escolhemos a cagaita por representar uma experiência vivenciada pelo grupo, numa saída a campo que tivemos. Teremos de sempre refletir sobre nossas vivências. Pois quem somos enquanto professores, dizem respeito aos nossos caminhos percorridos". (<i>Grupo Cagaita</i>)</p> <p>"Quando criança, era possível observar a vegetação do cerrado, o sol cintilava entre as folhas e as flores das árvores, formando nas copas um sombreamento que mais parecia uma obra de arte que balançava ao som do vento. Observando as árvores, a que menos eu via, era o ipê roxo. Visualiza ao longe, e por ser uma cor expressiva, ficava encantada. Da mesma forma se deu o interesse pela profissão docente. Apesar de admirar, não era minha escolha inicial". (<i>Grupo Jacarandá</i>)</p> |

Percebemos ainda que os alunos destacaram que ao narrar algum acontecimento, visitamos o passado na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que as vezes ficaram "esquecidos" no tempo, mostrando que "ser professor" se constitui historicamente, ou melhor, o processo em que um sujeito se

torna professor (a) é histórico, tendo sido apontado pelos participantes a importância de suas escolhas a partir de suas vivências.

## Considerações Finais

Em conformidade com a autora, os alunos possuem clareza que são necessárias raízes bem estruturadas, para que o professor tenha aporte teórico, pois ele será o sustentáculo durante o desenvolvimento da pesquisa e das demais atividades do estágio. Compreendem que se fundamentar teoricamente é imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa, assim como a raiz é imprescindível para a absorção da água e dos nutrientes do solo que serão utilizados na fotossíntese, que no caso pode ser entendida como a pesquisa.

Os alunos, igualmente percebem o seu processo de formação e história de vida, como interligados, onde todos os fatores são relevantes em sua formação, e não apenas os de caráter pedagógico, pois apontaram que assim como há uma raiz principal, há também as raízes laterais. Entendem que, no espaço/tempo do estágio, é primordial desenvolverem raízes muito profunda e bem diferenciada, atingindo dessa forma o mais profundo do solo, em que o estudo no estágio, que se baseie apenas em questões de cunho biológico ou pedagógico, mas também histórico, social, epistemológicos, filosófico, sociológico, etc. É importante que este fixe sua raiz principal em posturas crítico-reflexivas, na afetividade, na consciências, de seu papel enquanto educador, no (re)pensar sua própria prática em sala de aula. As raízes laterais representam os outros aspectos que estão relacionados com a fundamentação teórica. Aqueles construídos subjetivamente, pois apesar de cada estagiário, possuir uma trajetória formativa que está ligada ao seu histórico de vida, o significado do texto e a fundamentação precisam estar pautados numa interpretação consistente do mesmo. Por isso se fazem importantes as discussões em sala de aula para a compreensão e interpretação do referencial.

O tronco foi compreendido nas discussões como a pesquisa que conduz os estudos para a concretização das ideias, transformando-as em atividades, posturas metodológicas e ações pedagógicas ligadas ao ensinar e aprender. Biologicamente falando, o tronco tem a função de sustentar, proteger e conduzir a seiva orgânica e a seiva mineral. A pesquisa (o tronco) possibilita o transporte de informações, de experiências, de leituras e interpretações do mundo, de vivências durante as discussões com vistas a desmistificar a realidade. Este "fluxo de realidade", transportado através do tronco é fundamental, pois está relacionado com a articulação da teoria e da prática. E é exatamente isso que a pesquisa é, o tronco do estágio, em que o dinamismo é a principal característica devido o fluxo da seiva. Os galhos e as folhas representam as atividades desenvolvidas durante o estágio. Os participantes descreveram que as folhas estão em constante mudança e que estão relacionadas à busca do professor em se atualizar e questionar conceitos antigos para levar novidades aos alunos. É certo que durante o desenvolvimento das atividades precisaremos trocar nossas folhas, assim como as espécies o fazem; ou seja, modificar os meios pelos quais se dão as atividades, isto inclui revisitar as posturas metodológicas, o modo de se relacionar com os outros, a concepção de escola. Já, as flores tendem a demonstrar o desabrochar de uma nova visão tanto do estágio, quanto da licenciatura, deixando de lado a visão de compreende-la como prática. Diante destas reflexões, começam a nascer os frutos que são para a autora, os registros reflexivos. Revelaram estar conscientes sobre a docência,

percebendo de forma crítica e reflexiva, as dificuldades e as atratividades da carreira docente.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, L.M.S., MACHADO, B.M. & MARINHO-FILHO, J. A Diversidade Biológica do Cerrado. In **Cerrado: ecologia e caracterização** (L.M.S. Aguiar & A.J.A Camargo, eds.). Embrapa Cerrados, Planaltina, p.17-40, 2004.

ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão**. Porto Portugal: Porto Editora LDA, 1996.

CIAPUSCIO, G. E. **Metáforas e ciência**. Revista Ciencia Hoy, volume 13, nº 76, ago/set 2003, pp. 60-66.

CORDEIRO, Eliane Gonçalves. O desejo de ensinar: por um devir professor (a). **Dissertação**, Programa de Mestrado em Educação – Universidade de Uberaba, Uberaba – MG, 2007

DEWEY, John. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

FIORENTINI, Dario; CASTRO, Franciana C. de. Tornando-se professor de Matemática: O caso de Allan em Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. In: FIORENTINI, D. (Org.). **Formação de professores de Matemática: Explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p.121-156

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, v.18, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Grubhas, 2003.

GOES, Carlos Roberto. **O ser professor na contemporaneidade: entre a utopia de mudar o mundo e o desencantamento com a realidade**. Trabalho de conclusão de curso: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GOMES, A. C. Constituir-Se Professor: A Influência Da História De Vida E Das Práticas Pedagógicas Na Formação Docente. **Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE** Uberlândia/MG p. 51-65 21, 2010

KLINK, C.A. & MACHADO, R.B. Conservation of the Brazilian Cerrado. **Conserv. Biol.** 19(3):707-713, 2005.

LIMA, M. S. L. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. **Pesquisaeduc**, Santos, v.1, n.1, p.45-48, jan-jun, 2009.

MAZIEIRO, A. R. e CARVALHO, D. G. A contribuição do supervisor de estágio na formação dos estagiários. **Acta Scientiae** Canoas v. 14 n.1 p.63-75 jan./abr. 2012

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Mapas de Cobertura dos Biomas Brasileiros**. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Nacional de Biodiversidade e Florestas, Brasília, DF, 2007.

NÓVOA, Antônio. **Relação escola/sociedade: novas respostas para um velho problema**. São Paulo: UNESP, 1994. Disponível em: <[http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/24/3/EdSoc\\_Rel%C3%A7%C3%A3o\\_escola\\_sociedade.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/24/3/EdSoc_Rel%C3%A7%C3%A3o_escola_sociedade.pdf)>. Acesso em: 9 de Junho de 2015.

O'CONNOR, J. & SEYMOUR, J. **Introdução à Programação Neurolinguística**. São Paulo: Summus, 1995.

RATIER, Rodrigo; SALLA, Fernanda. Porque tão poucos querem ser professor. **Nova escola: a revista de quem educa**. Editora Abril, p. 4-17, 2010.

RIBEIRO, J.F. & WALTER, B.M.T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In **Cerrado: ecologia e flora** (S.M. Sano, S.P. Almeida & J.F. Ribeiro, eds.). Embrapa Cerrados, Planaltina. p.151 -212. In: S.M. Sano; S.P. Almeida & J.F. Ribeiro (eds.). **Cerrado: ecologia e flora**. v. 1. Brasília, Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

SILVA, A. M. Precarização do Trabalho docente e meritocracia na educação: O olhar empresarial dos governos e a resistência do professorado da rede Pública do estado do Rio de Janeiro. In: **Anais VII Simpósio Nacional Estado e Poder**, 2012, Uberlândia.